

A banana como tema de reflexão em oficinas socioambientais – Ação 2.

Larissa Rodrigues¹ (IC)*, Amanda Malheiros¹ (IC), Anna Karolina Osório Pimentel¹ (IC), Nicole Pinotte Rodrigues¹ (IC), Pamella Aline de Almeida¹ (IC), Luciana A. Farias¹ (PQ).

*Email: larissa_rodrigues10@hotmail.com.

¹ Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Setor de Educação em Ciências – Unifesp/Campus Diadema.

Palavras-Chave: Educação Ambiental, Ação, Banana.

RESUMO: Cada vez mais se torna premente a necessidade de se estabelecer uma relação entre os temas meio ambiente e educação, voltada para a cidadania e para a sensibilização socioambiental. Nesse sentido, o presente trabalho consistiu no desenvolvimento e aplicação de uma oficina com temática socioambiental as quais constituem um importante processo de sensibilização e conhecimento da problemática em questão, que neste trabalho aborda a Ação 2 de um projeto global socioambiental, interdisciplinar e significativo a partir do tema “banana”. A intervenção foi projetada por estudantes de graduação do grupo de extensão “Quimicando com a Ciência”, da UNIFESP, em parceria com a ONG Espaço Cultural Beija-flor, para jovens entre 13 a 15 anos. Os tópicos abordados na ação foram: “os benefícios da banana”, “a banana e a ciência” e “utilização da banana”.

INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos algumas mudanças nas concepções pedagógicas puderam ser percebidas no interior das universidades brasileiras. Tais mudanças são evidenciadas quando notamos o rompimento com os modelos tradicionais e damos espaço, por exemplo, à preocupação de formação cidadã e não só da área técnica; quando passa-se a haver uma preocupação institucional de ampliação de acesso e democratização do saber (Serrano, 2012). Todavia, essas mudanças vistas dentro das universidades já haviam começado com a educação décadas antes, em uma época conturbada do nosso país, a ditadura militar (1964-1985). Nesse cenário histórico pode-se destacar o papel das ONGs, que surgiram como meio de apoiar e dar novo sentido à educação. As ONGs passaram a planejar e desenvolver ações de assessoria aos setores públicos, ou, ainda, adotaram a luta pelo acesso e qualificação dos serviços públicos de ensino voltados para os interesses populares. (Haddad & Oliveira, 2001).

Os processos educativos sofriam grande influência do pensamento pedagógico desenvolvido no período anterior ao golpe, durante os primeiros anos da década de 60, quando as ideias do educador brasileiro Paulo Freire se disseminaram entre centenas de experiências de educação popular, denominadas na oportunidade como movimentos de cultura popular. As experiências uniam a política com manifestações culturais como teatro, música, poesia. Eram trabalhos educativos, construídos junto com as comunidades carentes, a partir das suas tradições, e que se espalharam por todo o país. (Haddad & Oliveira, 2001, p. 77).

Esses processos educativos eram empregados a fim de ampliar o nível de compreensão que a população pobre tinha sobre as suas condições de vida, de forma a discutir as suas causas e visando uma atuação crítica na sociedade (Haddad & Oliveira, 2001).

Hoje, o que antes era feito na maior parte pelas ONGs passou a ser uma preocupação também dentro das universidades. Neste momento a extensão universitária passa a apresentar uma interface entre o saber produzido no interior das universidades com a cultura local e desta com a cultura universitária. A extensão inicia uma trajetória para transformação da sociedade, transformando-se a si mesma e transformando sua relação com os outros “fazeres” acadêmicos (Serrano, 2012). Houveram avanços, todavia, independentemente do espaço ou campo teórico adotado para definir “Extensão Universitária”, é de consenso geral que a educação superior no Brasil ainda prioriza o ensino e a pesquisa, sem valorizar as atividades de extensão como fundamentais na formação profissional, resultando, na prática, em poucos projetos de extensão sendo desenvolvidos.

Nesse sentido, estudos vêm revelando que dentre as atividades de extensão realizadas, que já são mínimas, quando comparadas às atividades de pesquisa, os projetos de extensão com a temática ambiental são ainda mais incipientes, o que é preocupante, haja vista que a problemática ambiental que é uma questão presente e bastante atual, vem estimulando a abertura de inúmeros cursos cujo objetivo é formar profissionais que atendam as demandas socioambientais cada vez mais complexas do nosso tempo (Gehlen e col., 2014). Ainda segundo Jacobi (2003), a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, de modo a incluir a análise dos processos e seus determinantes, o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organizações sociais que aumentam o poder das ações alternativas, numa perspectiva que priorize um novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental.

É aqui também que se encaixam os conceitos da educação ambiental complexa, uma vez que ao pensarmos essa realidade de modo complexo e sistêmico, podemos defini-la a partir de uma nova racionalidade que não valorize somente o raciocínio lógico-formal, bem como um espaço onde se articulam a natureza, a técnica e o subjetivo (Leff, 2000). A reflexão sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para a compreensão e a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação, este apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também que questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevaletentes, implicando uma mudança na forma de pensar e na transformação no conhecimento e nas práticas educativas (Jacobi, 2003).

A relação entre meio ambiente e educação para a cidadania assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para apreender processos sociais que se complexificam e riscos ambientais que se intensificam (JACOBI, 2003, p. 196).

Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho surgiu a partir de uma proposta feita ao grupo “Quimicando com a Ciência”, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – Campus Diadema, para que este levasse à ONG Espaço Cultural Beija-Flor, situada também na cidade de Diadema, uma ação que envolvesse uma reflexão socioambiental a partir de um tema relevante para o grupo, a banana, conforme será explorado no item percurso metodológico. O objetivo do presente trabalho é relatar a Ação 2, a qual refletiu sobre os benefícios da banana, ressaltando suas contribuições na ciência e tecnologia, de forma a instigar a reflexão do grupo de jovens participantes do projeto. De forma a fomentar atividades que estimulem o desenvolvimento de uma consciência ambiental, não só ecológica, do ponto de vista da natureza, mas também

visando às questões sociais, culturais e econômicas relacionadas à existência do homem, conforme reflete Amâncio (2005).

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho faz parte de um projeto global cujo principal objetivo era desenvolver e aplicar uma abordagem socioambiental, interdisciplinar e significativa utilizando diferentes recursos didáticos, a partir do tema “banana”. Esse projeto foi subdividido em três ações denominadas Ação 1, Ação 2 e Ação 3. Cada qual com seu objetivo definido e tendo um grupo responsável para sua organização. A Ação 1 objetivava introduzir o tema para os estudantes, como por exemplo a origem da banana, características, espécies, cultivo, entre outros. A Ação 2, objeto do presente trabalho, dando sequência à temática abordava aspectos nutricionais, científicos e aplicações. E a Ação 3, cujo objetivo era incentivar a percepção ambiental do entorno, de modo a proporcionar aos estudantes a reflexão sobre a melhor área para plantio de uma bananeira e, saber reconhecê-la, além de refletirem a respeito do entorno ambiental da região.

O projeto global foi desenvolvido a partir de uma abordagem naturalístico-qualitativa, pois segundo El Andaloussi (2004) os seres humanos são muito complexos para serem reduzidos ao estado de objeto, haja vista que não podem ser observados sem deixar influenciar. Além do fato de não ser possível isolá-los sem perda de sentido e de coerência em relação ao seu contexto original. E de acordo com Ludke & André (1986) as pesquisas qualitativas vem se apresentando como alternativa viável para as pesquisas em educação, o que a torna viável também para as pesquisas em Educação Ambiental.

Segundo Gehlen e col. (2014) é importante a promoção de saberes capazes de auxiliar na conservação e preservação do meio ambiente com o apoio das Universidades Federais, por meio do incentivo as extensões universitárias, que devem contar com programas e projetos que viabilizem a retomada do contato da universidade com a sociedade e com isso trabalhar as questões ambientais. Nesse sentido, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto de extensão de Consumo Sustentável, do grupo Quimicando com a Ciência (<http://quimicandocomaciencia.blog.br/>), conforme citado anteriormente. Tal tema foi pensado devido a algumas viagens dos jovens que frequentam a ONG à cidade de Itanhaém no litoral sul de São Paulo, uma região onde há a cultura de plantação da banana, sendo sempre tema de questionamentos de todos.

A partir de tal perspectiva, foi desenvolvido um projeto cujo intuito seria de correlacionar o ensino da educação ambiental e a percepção do meio ambiente por meio do estudo da banana dentro de um contexto socioambiental, sendo que o projeto global contou com três oficinas, aplicadas em diferentes datas e sendo idealizadas por três grupos distintos pertencentes ao Quimicando. O objetivo final do projeto era proporcionar aos jovens uma visão sistêmica a cerca de um tema cotidiano, além de refletir a inter-relação de tudo e todos de forma a favorecer a alteridade.

As Ações ocorreram na ONG Espaço Cultural Beija-Flor, localizada no município de Diadema no bairro Eldorado. A ONG foi criada em 2001, e tem como estratégia a atuação de forma preventiva na educação e orientação de crianças e adolescentes em vulnerabilidade socioambiental, para que estes possam perceber além e superar as situações de risco presentes no ambiente em que habitam, haja vista que a região é de preservação ambiental e área de manancial, mas com histórico de invasão e

desmatamento, o que ocasionou grande impacto ambiental levando à vulnerabilidade socioambiental.

No dia da aplicação estavam presentes sete adolescentes, com uma faixa etária de 13 a 15 anos, que frequentam o local e já participavam dos projetos da ONG. Conforme destacado anteriormente, os tópicos levados à discussão nesta etapa foram “Os benefícios da banana”, “A banana e a ciência” e “utilização da banana”, de forma que fosse ao mesmo tempo dinâmica e ilustrativa para que a aprendizagem fosse divertida e mais facilmente assimilada.

Primeiramente foi proposta uma retomada dos conteúdos já levados na intervenção anterior, Ação 1, como forma de contextualizar os alunos e introduzir a discussão que seria oferecida em seguida. Na sequência, para introdução inicial do tema da Ação 2, foi idealizada uma série de perguntas de forma a tentar estimular a participação de todos. As perguntas foram esquematizadas em torno do tema central (Figura 1) e aplicadas em uma roda de conversa interativa.

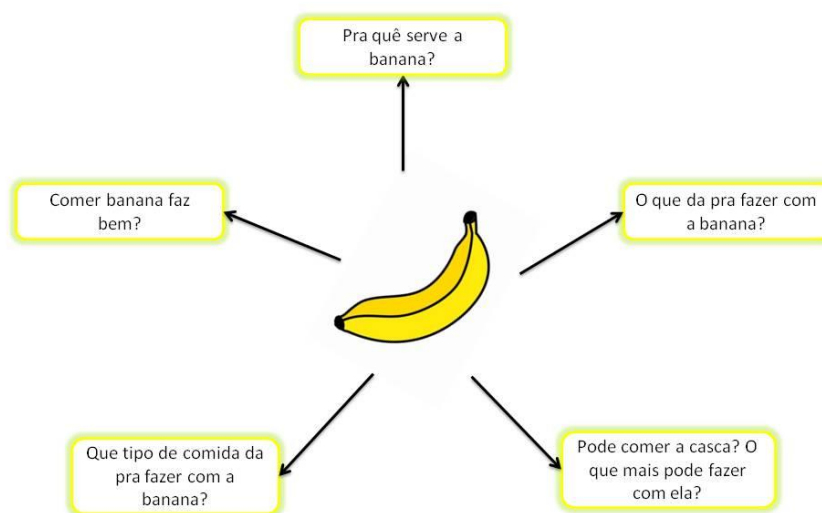


Figura 1: Quadro de perguntas da roda de conversas.

Após a introdução ao tema da Ação 2, direcionou-se as explicações para falar sobre os benefícios da banana em geral, bem como de que modo ela contribui para a saúde do nosso organismo. E para ilustrar tais benefícios foi idealizada uma “Bula Interativa” (Figura 2). Nela foram representadas as áreas do corpo e foram dados destaques às regiões diretamente ligadas às explicações de como a fruta poderia ajudar segundo suas propriedades benéficas, contemplando os principais benefícios que a banana trás.



• BANANA E A CIÊNCIA

Cientistas da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) desenvolveram uma fibra a partir da banana que é 30 vezes mais leve e quatro vezes mais resistente que o plástico comum. No futuro, esse material poderá ser usado na fabricação de peças para carros.

A banana é uma fruta rica em lectina BanLEC, um estudo apontou que essa proteína é capaz de bloquear a ação do vírus HIV antes que ele possa se fixar nas células sanguíneas.

Cientistas da Universidade de São Paulo (USP) descobriram que ao esmagar e triturar as cascas da banana, é possível limpar água poluída com agrotóxicos.

REFERENCIA: <http://www.mundodoc.com/2014/11/20-descobertas-da-ciencia-sobre-banana.html>

• BENEFÍCIOS DA BANANA

- 1 - Tem um aminoácido chamado Triptofano, que dá origem a serotonina, uma substância relacionada à felicidade, bom humor e sono. Contém vitaminas do complexo B (B1, B2, B6 E B12), importantes para sistema nervoso.
- 4 - Além de diversos minerais, contém o ferro, que auxilia pacientes em casos de anemia.
- 5 - Rica em magnésio, atua na contração muscular, evitando as famosas câibras musculares.
- 6 - Ajuda na digestão, por sua composição nutricional, além de saciar a fome. Por manter os níveis de açúcar elevado, elimina o cansaço físico e mental.
- 7 - Regula o fluxo intestinal pela quantidade de fibras presentes em sua composição ajudando a reduzir os níveis de colesterol e limpar o excesso de gordura animal no organismo.
- 8 - Por conter fitoestrogênios, ajuda na absorção de cálcio e magnésio, que fortalecem os ossos.
- 9 - Por conter alfa e beta-caroteno e Vitamina A, auxilia na proteção da retina do olho, prevenindo a degeneração com a idade.

• USOS DA BANANA

- 2 - A parte interna da casca da banana pode ser usada para aliviar a irritação causada pela picada de insetos, aliviar a dor de queimaduras e ferimentos por causa do seu óleo natural e até mesmo suavizar oiteiras e rugas.
 - 3 - Pode-se fazer uma mistura da banana com mel e iogurte natural para hidratar o rosto e até combater a acne por suas propriedades antioxidantes, vitaminas e sais minerais.
- É possível lustar couro com a parte interna da casca e um pano de algodão, e até mesmo fazer uma pasta de banana com água no liquidificador para a limpeza dos utensílios de prata por ao polimento.

Figura 2: Bula interativa.

Em seguida, levantou-se outras utilidades da casca da banana, partindo de descobertas científicas, como por exemplo, a adsorção de resíduos de agrotóxicos os em águas, servindo como ferramenta para o tratamento de alguns efluentes, o uso da raspa da parte interna da casca para clareamento de dentes e para aliviar a irritação causada pela picada de insetos, entre outras. Na sequência, foi introduzida a questão da utilização da banana para a produção de outros produtos a partir de dois questionamentos dirigidos aos jovens: será que só podemos comer a banana *in natura* ou podemos fazer outras coisas com ela? Dá para comer a casca também?

Para estimular a reflexão dos alunos e mostrar que a banana pode ser utilizada de diversas formas para a produção de vários tipos de alimentos foi ofertado aos jovens um bolinho doce feito a partir da biomassa de banana verde, obtida através do cozimento dessa banana verde e o posterior processamento, formando uma pasta cuja principal característica é a funcionalidade de seu amido resistente, que age como fibra alimentar natural.

Após a degustação, foi feita uma recapitulação geral sobre os assuntos discutidos. Para dinamizar essa etapa levou-se um boneco de estrutura de papelão com o esqueleto de um corpo, semelhante ao desenho da Bula, porém em tamanho maior e sem identificações. Este foi usado como ferramenta de revisão dos conteúdos discutidos. O jovem deveria apontar no boneco os locais em que a banana seria benéfica em nosso organismo, utilizando para tal pequenas bananas, também de papelão, mas com um lado adesivo. Eles foram orientados para que cada um por vez falasse um benefício e em seguida colasse a banana no local que o indicasse (Figura 3).

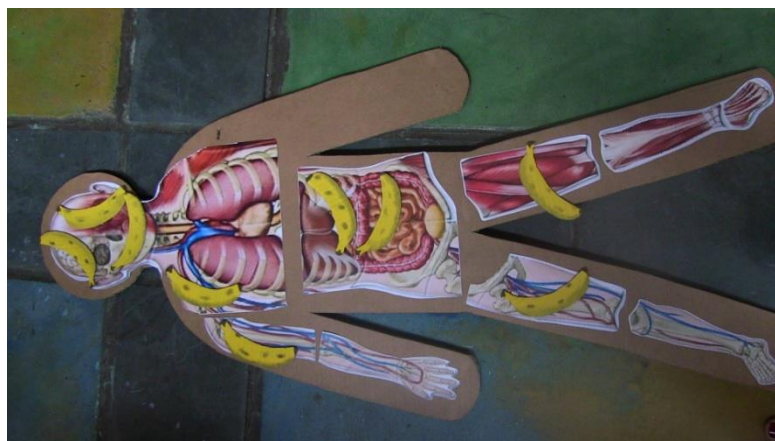


Figura 3: Boneco após a colagem das bananas pelos alunos.

Ao final das aplicações das três ações do projeto global foi aplicado um questionário, o qual continha questões sobre todas as ações (1,2 e 3), além de perguntas de caráter mais geral sobre a apreciação do grupo em relação ao trabalho desenvolvido. No caso, em relação à Ação 2 o questionário foi aplicado após um intervalo de sete dias (uma semana). Referentes aos temas discutidos pelo grupo da Ação 2 foram feitas duas perguntas, sendo a primeira: “Cite dois benefícios do consumo da banana”, com a intenção de verificar se os conhecimentos sobre os benefícios nutricionais foram absorvidos, e a segunda “A raspa da casca da banana alivia a irritação causada pela picada de insetos? ”, a respeito das aplicações e usos da banana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início os alunos se sentiram um tanto quanto receosos em relação à participação, porém após um tempo passaram a ficar mais a vontade e começaram a interagir. Muitos não sabiam que a banana poderia trazer tantos benefícios ou que ela atuasse em tantas áreas no nosso organismo.

Durante a discussão inicial, com as perguntas feitas, notou-se que a visão deles com relação a essa fruta do nosso cotidiano foi-se expandindo, percebendo sua ação e aplicabilidade além da função de alimento (Figura 3). Sendo que alguns relataram que não gostavam de banana, mas que passaram a ver como ela é importante. E quando a questão do uso da banana em diferentes alimentos surgiu, os alunos relataram que já haviam participado de um projeto que produziu pão com a casca da banana. Isso foi uma surpresa positiva e acabou sendo usada como mais um exemplo a favor da intervenção.

Durante as explicações sobre os aspectos nutricionais e usos na ciência da banana os alunos demonstraram grande interesse e fizeram perguntas com frequência, conforme foram instigados pelo assunto (Figura 4).



Figura 4: Momento de explicação por meio da Bula Interativa.

Ao final da segunda intervenção, a chamada Ação 2, foi aplicado o questionário que contemplava os itens discutidos com o grupo, conforme descrito no percurso metodológico. Nas respostas analisadas foi constatado que todos os participantes afirmaram gostar das ações e que grande parte adquiriu conhecimento com o que foi explicado. Em relação às respostas para a questão “O que você mais gostou das ações? Por quê? ”, 36% dos jovens relataram ter gostado das explicações. Dentre as respostas dadas podem ser destacadas as seguintes: “Das explicações, pois elas são divertidas” e “Tudo, porque cada uma eu aprendi coisas novas”. Houve ainda a resposta de um jovem que disse ter gostado mais da Ação 2, pois esta teve mais explicações, algo que se torna muito significativo ao trabalho. As demais respostas se referiam a “gostar de andar pela ONG e procurar as bananeiras (referindo-se à Ação 3).

A segunda pergunta analisada, que é de interesse para o presente trabalho, “Cite dois benefícios do consumo da banana”. Essa questão teve como objetivo avaliar se os benefícios da banana à saúde levados à discussão para o grupo foram assimilados. Nesta questão não houve respostas erradas, entretanto somente 63% dos jovens foram capazes de lembrar dois benefícios da banana e os demais 37% apenas um. O benefício mais recordado foi para a cãibra, com 91% das respostas, outro benefício bastante citado foi em relação à energia fornecida, onde os alunos disseram que a banana “mata a fome”. Lembrando que a bula interativa e a atividade do boneco foram as ferramentas utilizadas, o que mostra que esses modelos surtiram efeitos positivos para o processo de aprendizagem do grupo.

Por fim, a última pergunta pertinente, “A raspa da casca da banana alivia a irritação causada pela picada de insetos? ”, teve como objetivo verificar se curiosidades relacionadas aos usos da banana e sua aplicação na ciência foram assimiladas. Neste caso, as respostas foram dadas em verdadeiro ou falso, obtendo-se 73% das respostas corretas, 9% erradas e 18% que não quiseram responder. Avaliando os resultados dessa pergunta foi possível concluir que o modo de resposta, com verdadeiro e falso, não abriu muito espaço para verificações mais profundas sobre as devolutivas dos jovens.

Todavia, embora, o retorno tenha sido bom, de forma geral, nem tudo ocorreu como era esperado, segundo a idealização da ação e do projeto em si. No decorrer do trabalho algumas dificuldades foram encontradas. A primeira foi com relação ao grupo de alunos que participaram da ação, inicialmente pensava-se que seriam os mesmos alunos que já haviam participado da intervenção anterior, porém a realidade encontrada não foi essa. Dentre os sete alunos presentes apenas dois haviam assistido à Ação 1.

O fato de nem todos terem estado presentes na primeira ação fez com que o grupo optasse por retomar parcialmente os itens discutidos na Ação 1, uma vez que a primeira ação teve o papel de introduzir o assunto, contando fatos históricos e culturais da banana, além de explicar sua origem e características botânicas.

Segundo Valle & Arriada (2012) oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista a base teórica. Eles dizem ainda que são oportunidades de vivenciar situações concretas e significativas com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, ao longo do trabalho foi possível realmente vivenciar as possibilidades que o uso de oficinas socioambientais permite, e embora ainda haja muita dificuldade em criar e organizar esse tipo de ação, não pela questão de conteúdo, embora também seja algo que deve ser feito de forma cuidadosa e bem pensada, mas pela discussão de como conduzir e avaliar os resultados. Muitas vezes não há como identificar resultados imediatos, e mesmo as ferramentas disponíveis para colher e interpretar esses resultados são um tanto quanto falhas em determinados aspectos. Por outro lado, o envolvimento dos jovens no presente trabalho foi considerado positivo, pois todos participaram da atividade proposta, ainda que em diferentes graus de motivação.

Além disso, há também dificuldades quando desenvolvemos oficinas pontuais interdependentes, como é o caso da ação descrita no presente trabalho. Nesse caso existem mais variáveis a serem consideradas e mais aspectos que podem afetar de forma negativa os resultados do trabalho. É nesse sentido em que se diz que a forma de avaliar os resultados da ação é prejudicada e suscetível a adversidades, uma vez que educação ambiental não deve ser algo pontual, devendo se constituir um processo educativo que deve ocorrer em um tempo e espaço maiores. Desta forma, o ponto a ser superado no próximo trabalho do grupo é o desenvolvimento e aprimoramento da metodologia avaliativa deste processo educativo, na tentativa de avaliar com maior consistência o impacto da Ação na percepção ambiental desses jovens.

CONCLUSÃO

Num quadro geral a ação foi considerada bem-sucedida, mostrando que a realização de projetos como o descrito são possibilidades mais do que viáveis e necessárias para o enriquecimento da percepção socioambiental de indivíduos em fase de formação.

Ao longo do trabalho, tanto em relação à elaboração do projeto e discussão dos conteúdos quanto à ministração da ação na ONG, pôde ser percebido o quão importantes e transformadores podem ser esses projetos. Embora tenham ocorrido dificuldades durante o processo, foi importante constatar a reflexão dos jovens que participaram das atividades sobre o seu entorno e hábitos cotidianos, de forma a ampliar essa reflexão no sentido de debater questões socioambientais, bem como o aprendizado e a experiência prática de ensino como educadores ambientais por parte dos estudantes do grupo Quimicando com a Ciência.

A elaboração de ações educativas que ultrapassam os muros da universidade, contribuindo para a formação cidadã do aluno universitário também é outra meta que ganha cada vez mais força. O contato ou envolvimento dos estudantes na divulgação científica e nas problemáticas das comunidades é a estratégia utilizada para que ele passe a enxergar sua profissão de maneira mais humanista. Com isso espera-se dar uma resposta às críticas de que determinados profissionais passam pela universidade sem nunca ter tido contato com a realidade do seu entorno social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à ONG Espaço Cultural Beija-Flor pela parceria e apoio e, além disso, pela proposta e confiança que tiveram para que pudéssemos realizar esse projeto tão gratificante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, C. **O Porquê da Educação Ambiental. Net, 2005**. Disponível em: Campinas, 1998. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=272>> Acesso em: 19 mar. 2016.

EL ANDALOUSSI, K.E. **Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

GEHLEN, V. R. F.; BARBOSA, C. L.; BAUTISTA, D. C. G.; CAMBOIM, J. F.F.; BRAGA, L.O. **Responsabilidade Social Em Extensão Universitária Na Área De Meio Ambiente: Dever Ou Possibilidade?** XVI ENGEMA, 2014.

HADDAD, Sérgio; OLIVEIRA, Anna Cynthia. **As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação**. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 61-83, março/ 2001.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003.

LEFF, Enrique. **Complexidad ambiental**. México: Siglo XXI, 2000.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

SERRANO, Rosana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf> Acesso em 07 fev. 2016.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo. **Educar Para Transformar”: A Prática das Oficinas**. Revista Didática Sistêmica, Rio Grande do Sul, v. 14, n. 1, p.3-14, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/2514/1623>>. Acesso em: 14 mar. 2016.